



## As teorias do jornalismo impresso e a construção do cotidiano urbano<sup>1</sup>

Wellington PEREIRA<sup>2</sup>

Ilana ALMEIDA<sup>3</sup>

Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, PB

### RESUMO

Em tempos nos quais o jornalismo é questionado quanto às formatações técnicas, este texto propõe uma análise sobre a construção e leitura do cotidiano a partir das Teorias do Jornalismo Impresso. Se na prática existem opiniões consensuais que condenam o jornalismo à incapacidade de representar o mundo conforme ele se movimenta dia-a-dia, procuramos identificar se o aparato teórico que envolve o jornalismo impresso é condizente com a realidade jornalística. Para tal averiguação, utilizamos as três seguintes teorias: Teoria Organizacional, Teoria do Espelho e Gatekeeper, em confronto com a construção do cotidiano urbano.

**Palavras-chave:** Jornalismo Impresso; Teorias do Jornalismo; Cotidiano Urbano.

### Introdução

Muito embora tenha a função de apresentar os fatos sociais aos atores que protagonizam a vida urbana, o jornalismo enquanto prática parece se distanciar da realidade vivida nas ruas. Podemos confirmar essa assertiva ao analisar, por exemplo, as lógicas mercadológica e editorial que envolvem a notícia jornalística.

Nesse sentido, podemos prever que a notícia jornalística está imbuída de valores ideológicos ao mesmo tempo em que se insere no mercado de bens simbólicos como um produto guiado pelas mesmas normas que guiam as demais mercadorias.

Ao se apropriar da realidade e conferir-lhe novo formato de acordo com uma coerência própria, é importante observar também no jornalismo os artifícios discursivos aos quais recorre para executar a tarefa de narrar à vida de todos os dias.

De maneira que é pertinente dizer que a realidade é apreendida, recortada, formatada e impressa nas páginas dos jornais que, por sua vez, se mostram cada vez mais deficientes na tarefa de refletir o mundo tal qual é.

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no GP Teorias do Jornalismo, XI Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

<sup>2</sup> Professor Dr. do Programa de Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal da Paraíba e Coordenador do Grupo de Pesquisa em Cotidiano e Jornalismo (GRUPECJ/UFPB).

<sup>3</sup> Mestranda do programa de pós-graduação em Comunicação da Universidade Federal da Paraíba.



Ao mesmo tempo em que a vida torna-se fugaz e efêmera, se multiplica em direções plurais, modifica as distâncias e a relação “espaço-tempo”<sup>4</sup>, o jornalismo preso as amarras mercado-ideológicas está longe de acompanhar o ritmo das mudanças vividas e termina por converter a realidade em fragmentária.

As discussões em torno da prática jornalista parecem convergir na evidência que é impossível ao jornalismo representar, pela limitação editorial, mercadológica, linguística, entre outras, a vida cotidiana.

Porém, se direcionarmos o olhar para o jornalismo enquanto campo teórico, acadêmico, será que nos confrontaremos com teorias que apresentam satisfatoriamente a realidade da cultura jornalística? Será que existem deformidades entre a academia e as redações de jornais?

Dentre as diversas teorias formuladas acerca do jornalismo impresso, utilizaremos nesse artigo as teorias Organizacional, Teoria do Espelho e Gatekeeper, a fim de averiguar se o que se escreve sobre o jornalismo aproxima-se do que acontece na prática ou se as teorias não passam de pretensões explicativas distanciadas.

## **I. As teorias do jornalismo e vida referencial urbana.**

O jornalismo deve ser pensado como um campo teórico para que o seu exercício não seja negado por falsas evidências.

A produção científica sobre o jornalismo deve ser exercida com acuidade metodológica para que esta não seja confundida com os campos da recepção, da Comunicação Social, da mídia e da análise de discurso. Mas como perceber as nuances da produção jornalística em suas relações com outros campos?

No jornalismo habitam várias formas discursivas. Para compreender os significados produzidos pelos discursos se faz necessário verificar as fronteiras epistemológicas (territórios do conhecimento) que dividem os espaços jornalísticos, desde o projeto gráfico até a construção das linguagens verbais e não verbais.

Nas teorias que definem a difusão, organização e manipulação da informação, o jornalismo é concebido como uma das retóricas da sociedade burguesa, ou seja: fala de um mundo cujo nexos é o dinheiro através da transformação das energias sociais em força de trabalho que produzem bens simbólicos.

---

<sup>4</sup> As novas relações de espaço e de tempo as quais estão submetidos os atores sociais modernos são aprofundadas por John B. Thompson na obra “A mídia e a modernidade. Uma teoria social da mídia” (1999).



Ao estabelecer uma “prosa” concomitante à realidade, o jornalismo procura controlar o fluxo das informações, promovendo modelos retóricos que determinam os discursos produzidos em sociedade e as suas influências no cotidiano. Por isto, a linguagem jornalística tem a pretensão de ser o espelho do mundo.

Um espelho que reflete as aparências de forma realista, sem admitir relativismo, contradições. Esta é a pretensão do jornalismo informativo.

Mas as notícias representam com fidelidade os fatos sociais?

Não. As notícias não são espelhos da realidade. Elas são construções socioculturais embaladas por recheios ideológicos.

A ideia de que os jornalistas são, simplesmente, mediadores sociais nos remete à Teoria do Espelho, cujo determinismo pode ser explicado por Nelson Traquina:

A primeira teoria oferecida para explicar “*por que as notícias são como são*” é a teoria oferecida pela própria ideologia dominante no campo jornalístico (pelo menos nos países ocidentais); É a teoria mais antiga e responde que as notícias são como são por que a realidade assim as determina. (TRAQUINA, 2001)

O primeiro exercício teórico que podemos estabelecer em relação à técnica da notícia, sobretudo no jornalismo impresso, deve ser a verificação entre “o que fala” o jornal e “o que diz a realidade”, com todas as implicações semânticas: arquétipos, manipulação da palavra.

Assim, podemos perguntar: a Teoria do Espelho, no jornalismo, nos ajuda a compreender melhor o mundo contemporâneo?

## **II. Os estilos do cotidiano no jornalismo informativo.**

A partir da concepção de uma teoria do jornalismo impresso aplicada à interpretação dos fatos sociais, poderemos estabelecer alguns critérios de verificação da aplicabilidade das teorias jornalísticas para compreensão do cotidiano urbano.

Nesse sentido, as teorias jornalísticas utilizadas como ferramentas didático-pedagógicas devem demonstrar as formas como se dá a arquitetura das informações no jornalismo impresso – considerando os níveis de linguagem- mas também evidenciar os moldes de uma cultura jornalística pertinentes a cada sociedade.



No jornalismo impresso, quer seja no exercício profissional, quer seja nas práticas acadêmicas, as teorias são os resultados de um conjunto de procedimentos técnicos, éticos e estéticos: a teoria não isola o mundo subjetivo do mundo objetivo através de um efeito retórico argumentativo.

Como em todo campo de produção do saber, a teoria explica o mundo, mas, antes de tudo, o mundo legitima a teoria. Isso não pode ser diferente no campo jornalístico.

Ao explicar o mundo, as teorias do jornalismo impresso devem ultrapassar o caráter redutor das tautologias teóricas – reduzindo os conceitos do Mundo da Vida (preocupação schutziana) à referencialidade dos fatos. Assim, grosso modo, podemos pensar as teorias jornalísticas a partir de três fluxos informacionais: 1)fluxo endógeno; 2)fluxo exógeno; 3)fluxo do controle sintático-lexical.

Nesse novo tempo de contemporaneidades múltiplas, que alguns teóricos denominam de Pós-Modernidade, as teorias jornalísticas precisam ultrapassar os limites dos “emplastos conceituais” usados como recurso para diminuir a distância entre a interpretação da realidade e as formas de construção das realidades sociais.

Tomando como base esses três movimentos que caracterizam a aplicação das teorias do jornalismo impresso para compreensão do Mundo da vida, pode se verificar a aplicabilidade das mesmas. Para tanto, escolhemos três teorias: 1) Teoria Organizacional; 2) Teoria do Espelho; 3) Teoria do Gatekeeper.

No sentido ensaístico, o desafio é entender qual a aplicabilidade dessas teorias no campo jornalístico para o entendimento das formas sociais determinadas e reconhecidas pelos fluxos informacionais.

### **III. As injunções entre as teorias do jornalismo e o cotidiano urbano.**

A Teoria Organizacional no jornalismo impresso tem a função de estabelecer regras de trocas simbólicas endógenas. Isso quer dizer: as empresas jornalísticas determinam a maneira como o fluxo de informação exógeno é recriado a partir da divisão interna de trabalho.

A principal função da Teoria Organizacional é transformar os fatos cotidianos, quer sejam estéticos, quer sejam políticos, em fatos jornalísticos e, depois, devolvê-los ao espaço social em formas de gêneros narrativos inscritos no mercado da informação.

Neste sentido, podemos dizer que – além de corresponder ao fato endógeno de reconstrução de transformação dos fatos sociais em fatos jornalísticos, a Teoria Organizacional é responsável pela inscrição da informação como um bem de consumo durável – em quaisquer ordens econômicas.

O trabalho de organização interno do fluxo de informação externo não tem caráter passivo. Os conflitos são acirrados pela redução sintática e empobrecimento semântico dos signos do mundo exterior na restrição gramatical da linguagem jornalística. Ou seja: o que a teoria organizacional ordena nas redações são reflexões recortadas e transfiguradas como verdades linguísticas embaladas em forma de notícia.

A Teoria Organizacional promove uma desnaturalização dos fatos exógenos da informação inscrevendo-os a partir de uma autoridade institucional, materializada nas rotinas de produção e no formato narrativo dos editoriais. Nesse sentido, o caráter mais aparente dessa teoria está na “personalização do cotidiano” urbano através dos lemas escritos abaixo do “nome” do jornal como uma “ética-informacional”: um jornal a serviço do Brasil, um jornal com ética e paixão, etc.

Mas a principal nuance da Teoria Organizacional é estabelecer um valor comercial aos fatos do cotidiano que são comercializados, ora como fait-divers, ora como sistemas explicativos do mundo moderno.

A injunção como o mundo externo – através da Teoria Organizacional – se dá à medida que o cotidiano urbano passa a ser “lido” a partir dos empréstimos de linguagens que a instituição jornalística “empresta à realidade: sujeitos determinados pelos enunciados da cultura informacional.

O outro problema de injunção se dá na autenticação da verossimilhança dos fatos externos com base no caráter referencial do jornalismo informativo. Esse problema diz respeito à Teoria do Espelho.

A Teoria do Espelho (PENA,2005) advoga que a notícias são como são, porque a realidade assim as determina.

O conflito agora não é a imposição de uma gramaticalidade interna – Teoria Organizacional – mas a aceitação positivista dos fluxos exógenos da informação como uma garantia ética e estética.

Ao contrário do que se pensa, a Teoria do Espelho esconde uma razão positiva – pois aceita a determinação de um modelo autoexplicativo para os parâmetros da realidade.

Mais que qualquer outra teoria jornalística, a Teoria do Espelho representa a relativização dos conflitos do mundo urbano, pois estabelece um modelo secularizado de apresentação dos fatos.

Apresentar os enunciados jornalísticos como espelho do mundo é desconhecer a genealogias estabelecidas por Michel Foucault – sobretudo no quadro de Velásquez – As meninas – (FOUCAULT, 200) de como a uniformidade das imagens mundanas são artifícios que escondem a violência estabelecida entre conceitos e formas.

A Teoria do Espelho – no jornalismo- aplicada para explicar as formas do cotidiano urbano- é uma forma deformante. Ela não respeita a característica do cotidiano como estilo (Michel Maffesoli, 1995)<sup>5</sup>, mas como unidade conceitual para efeito de uma ética da convicção (Costa, 2009).

A injunção entre a informação jornalística e o cotidiano urbano se estabelece na violência da naturalização dos signos do fluxo exógeno da informação.

O outro problema de injunção entre as teorias do jornalismo e o cotidiano urbano se dá no fluxo de controle-sintático-lexical, o que se determina na Teoria do Gatekeeper.

O jornalismo como o piloto dos fluxos informacionais, aquele que controla o que deve ser entendida como notícia e o que não deve. Essa afirmativa não tem mais sentido, pois a teoria do Gatekeeper deve ser repensada em função das mídias digitais – e até mesmo – da perda do caráter deliberativo da ação jornalística.

O jornalista no espaço urbano pós-moderno perdeu a capacidade de “arbitrar” realidades, então o controle-sintático-lexical das informações passa a pertencer mais do que à técnica jornalística. Isso provoca o surgimento de uma nova razão jornalística: a razão efêmera – que procura equilibrar velocidade com renovação factual das imagens do mundo urbano.

Portanto, é preciso repensar – pedagogicamente - a eficiência das Teorias do Jornalismo para determinar a natureza dos fluxos de informação no cotidiano urbano.

A construção e leitura do cotidiano urbano através das Teorias do Jornalismo passam pelo artesanato da pesquisa e pela renovação da escrita jornalística.

---

<sup>5</sup> O cotidiano, na obra “A contemplação do Mundo”, de Michel Maffesoli, 1995, não é tido apenas como repetição ou rotina, ele é visto como um estilo capaz de caracterizar uma sociedade num dado momento.

O entendimento da necessidade de uma Nova Escrita Jornalística – nos moldes da Nova História e da Antropologia, requer a ampliação dos parâmetros metodológicos para interpretação dos fatos sociais.

A escrita jornalística como método deve promover a proximidade e a extensão dos conceitos às palavras – avançando para uma leitura do cotidiano através das Teorias do Jornalismo capaz de absorver as contradições da vida cotidiana sem argumentação prévia, mas valorizando os aspectos estéticos (PEREIRA,2008)

As Teorias do Jornalismo não podem aplicadas à leitura do cotidiano como moldes cognitivos testados e aprovados em linha de montagem factual. É preciso entender que o que anteceder qualquer teoria é um bom exercício de práxis social, capaz de agregar exercícios cognitivos e artes do fazer,

Uma das formas de tradução do “léxicon da vida cotidiana” – através das Teorias do Jornalismo é a valorização não apenas do modo indicativo e do pretérito imperfeito dos enunciados jornalísticos, mas o tempo da palavra.

O tempo da palavra no texto jornalístico contemporâneo não se traduz em tempo verbal: é um tempo capaz de operacionalizar novas formas de saber: da geometria à escolástica até a transformação da rigidez conceitual da modernidade.

Ao regatar a palavra no campo jornalístico, se pode pensar em ampliação das vozes jornalísticas pelas Teorias do Jornalismo, ora no sentido etnoconstrucionista – colocando o jornalista-profissional como centro da narrativa, ora trabalhando as fontes no sentido antropológico e estético – verificando com acuidade cada foco narrativo estabelecido pelos atores sociais no campo jornalístico.

#### **IV. Considerações finais**

A partir das três teorias do jornalismo impresso: Organizacional, Teoria do Espelho e Gatekeeper, pudemos constatar algumas injunções entre os moldes da cultura jornalística e o campo teórico que tem por finalidade pensá-lo.

Quando nos debruçamos sobre a Teoria Organizacional observamos que com o objetivo de traduzir o fato social e devolvê-lo ao público enquadrado em normas de manuais, o jornalismo impresso reduz a pulsão da vida a gêneros narrativos limitantes.

Em paralelo, as regras industriais da produção da notícia, o domínio técnico que legitima o jornalismo e as linhas editoriais conferem aos fatos novas características que o distanciam da realidade.



Sendo assim, as páginas dos jornais vendem aspectos da realidade qualificados como verdade única. E podem ser facilmente contestados. Basta que um leitor pegue a versão de dois jornais sobre o mesmo fato: ele encontrará a verdade de um, a verdade do concorrente, ambos em deformidade com a realidade.

Deformante também aparece a Teoria do Espelho. Na perspectiva de garantir ao jornalismo o reflexo fiel do social, a teoria tenta uniformizar o mundo e investe contra formas e conteúdos que se estabelecem fora do circuito da produção da notícia.

De certa forma, o grande erro é mesmo acreditar que as notícias são a representação do mundo como ele se faz. Pois, esse pensamento reduz o cotidiano urbano a um modelo explicativo-informativo que não dá liberdade “aos nada que fazem o dia a dia”<sup>6</sup>, por exemplo.

Quanto a teoria Gatekeeper, a qual coloca o jornalista na posição de filtro do que deve se tornar notícia, o advento das mídias digitais e as redes sociais que estão dando a oportunidade do indivíduo comum mostrar o mundo sob um outro ponto de vista desqualifica o jornalista no sentido em que ele não tem mais o controle do que “deve” ser noticiado.

Muito embora o cidadão comum não tenha o domínio técnico referendado aos jornalistas, ele tem em seu favor o aporte tecnológico de sons, imagens, vídeos que por si só o auxiliam a legitimar seu discurso. Dessa maneira, um fato que é “abafado” por meia dúzia de jornalistas aqui, pode estar disponível com riqueza áudio-visual em qualquer blog ou perfis de redes sociais.

As teorias do jornalismo não podem ser pensadas de modo totalizante, ou mesmo auto-suficientes na tarefa de orientar a prática e pensar a cultura informacional uma vez que distancia-se da realidade.

Se o pensamento teórico não acompanhar a realidade corremos o risco de juntarmos um número substancial de teorias que partilham de uma integração unificadora interna, mas conflitantes com o que acontece no exterior.

É como se as teorias do jornalismo o conferissem uma imagem muito diferente do que ele realmente é. E essas injunções resultam em consequências que implicam tanto na prática quanto nos percursos pedagógico-metodológicos deste campo do conhecimento.

---

<sup>6</sup> PAIS, José Machado. *Vida Cotidiana: Enigmas e Revelações*. São. Paulo: Ed. Cortez, 2003, p.86





## V. Referências Bibliográficas

COSTA, Caio Túlio. **Ética, jornalismo e nova mídia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2009.

FOUCAULT, Michel. **As palavras e as coisas**. São Paulo: Martins Fontes, 1999.

MAFFESOLI, Michel. **A contemplação do mundo**. Porto Alegre: Arte Ofícios, 1985.

MAFFESOLI, Michel. **O conhecimento comum**. Porto Alegre: Sulina, 1995.

PAIS, José Machado. **Vida Cotidiana: Enigmas e Revelações**. São Paulo: Ed. Cortez, 2003.

PENA, Felipe - **Teorias do Jornalismo**, São Paulo: Cortez, 2005.

PEREIRA, Wellington. A nova escrita jornalística como leitura do cotidiano. In: **Culturas Midiáticas** – Revista do PPGC/UEPB. João Pessoa, ano I, n. 1, Jul/Dez, 2008.

THOMPSON, John B. **A Mídia e a Modernidade: uma teoria social da mídia**. Petrópolis: Vozes, 2ª Ed. 1999.

TRAQUINA, Nelson. **O Estudo do jornalismo no século XX**, São Leopoldo (RS): Unisinos, 2001.

TRAQUINA, Nelson. **Teorias do jornalismo**, porque as notícias são como são. Vol. 1. Florianópolis: Insular, 2004.